

Exdra

um orquidário singular em Maricá



Foto: José Luiz Bartolo

Carlos A. A. de Gouveia

Exdra e sua esposa Durvalina

Exdra Porto é um personagem ímpar no universo orquidófilo. Quem não o conhece pode se deixar levar pelo seu jeito simples e gozador e provavelmente subestimar seu valor. Grave equívoco, Exdra nos seus muitos anos de orquidicultura acumulou enorme conhecimento.

Grandes orquidários comerciais costumam usar seu *know-how* para cultivo acelerado de *seedlings*, aclimação de plantas e recuperação de orquídeas debilitadas. Muitos se surpreendem ao encontrá-lo trabalhando sempre ouvindo música clássica. Sócio fundador da OrquidaRio, hoje sócio benemérito, foi um dos grandes mentores da fusão com a SBO, onde era sócio patrimonial. Exdra conta com inúmeras plantas de qualidade superior e cultivo inquestionável. Basta lembrar o excepcional *Dendrobium aggregatum* que apresentou em 1998 na nossa Exposição de setembro. Campeã indiscutida aqui, uma semana depois ganhou laurel semelhante na Exposição da AOSP. Quando eu e Paulo Damaso fomos a seu sítio em Maricá para esta entrevista, sabíamos da complexidade da missão. O mais difícil foi acabar a entrevista, a conversa com Exdra não tem fim, sobrando sempre mais uma história para contar, uma orquídea para ver.

■ **Bem, vamos começar com uma pergunta bem original. Quando e como você começou com orquídeas?**

Se contar que desde os 8 anos eu já procurava *Laelia crispa* lá no Espraiado... É, tinha 8 anos e ia buscar orquídeas para meu pai. Ele dizia que orquídea boa é aquela com a banana grossa (risos). Banana era o bulbo, também a folha grossa, não a *Cattleya harrisoniae* e nem a *guttata*.

■ **Estas não prestavam?**

Ele tinha, mas dizia que não eram boas. Tempos depois tiver que descer, ir para a cidade estudar. Fui para Cascadura morar com uma tia.

■ **Seu pai morava aqui mesmo em Maricá?**

Ele morava sim, não neste sítio, mas na Fazenda Monte Verde, onde tinha engenho para fazer cachaça. Meu pai queria ter filho militar. Meu irmão foi para a Aeronáutica e eu para o Arsenal de Marinha. Foi lá que fiz aquela placa que ficava na porta da SBO (Sociedade Brasileira de Orquidófilos), foi o que chamavam de gato. Naquela época se podia fazer o que se quisesse em bronze. Passados uns tempos, fiquei uns 8 anos lá, saí e fui trabalhar com orquídeas. Comecei na Florália, logo no seu início, com o Seu Rolf, por intermédio do Fernando Parga.

■ **Quando foi isto?**

Foi em 1956-57. Tenho anotado quando me exonerei da Marinha. Foi na época do Juscelino. Trabalhei com Rolf uns três meses e saí. Nossos gênios não se davam muito bem, o meu e o dos empregados dele.

■ *Mas você se dava bem com ele?*

Muito bem. Sempre me dei bem com ele e com a turma dele toda. Aí, saí dali e fui trabalhar com o José da Veiga Soares, que tinha um laboratório, ABRAPIA, lá na Tijuca.

■ *Você só ficou três meses na Florália?*

Ah, não agüentei não! Havia dois gerentes, Seu Rolf tinha recebido umas *labiatas* lá do Ceará, e um dia os gerentes mostraram para ele as plantas dizendo: "Olhe, veja como sabemos cuidar delas, olhe os brotos gordos, bonitos, inchados, que beleza." Eu, passando, olhei para os brotos e disse: "Olha, vocês vão me desculpar, mas isto aí tem uma broca dentro dos bulbos. Eu conheço essa praga." Aí ele olhou para mim e disse: "Se não tiver, eu posso te mandar embora?" Cortou os brotos e achou a broca. Chamou os gerentes e descascou. Quando ele ficava zangado, sai da frente. Cortamos mais ou menos uns 26 brotos. Quando chegou no último, gordinho, eu fiquei na dúvida e ele me desafiou de novo: "Corto? Se não tiver, posso te demitir?", "Corta, o senhor vai ter o prazer de cortar." Quando cortou, tinha as broquinhas ainda iniciando. Aí os gerentes ouviram mais ainda. E começaram os problemas, Seu Rolf me botou como gerente e o orquídiário ficou com três mandando. Eu garoto, vinte e poucos anos comandando aquela turma. E havia muita fofoca. Do português e de um outro senhor. Eu não me lembro dos nomes. Um dia ele explodiu comigo e eu com ele. Aí eu disse que ia embora. Ele disse que se eu fosse os 2 iriam junto. Eu respondi: "Não, eles ficam. Deve ser melhor para o senhor." Saí e comecei a comprar e vender plantas do Binot e do Guinle. Era bom vender orquídeas naquele tempo!

■ *O que se vendia? Espécies?*

Não, híbridos. A Florália tinha plantas pequenas, eu comprava planta florida, híbridos do Binot, que às vezes trazia da Bélgica. Comprei também do Waldemar Silva do Orquídiário Brasil.

■ *O Waldemar Silva fez muitos híbridos?*

Fez muitos e também importou muitas plantas da Bélgica. Me lembro que tinha uma planta amarela creme. Seu Rolf me chamou e pediu para eu perguntar se estava à venda. "Se eu perguntar, ele vai me explorar." Quando

perguntei quanto ele ia querer na planta, ele disse que era um híbrido muito fino, que ia custar Cr\$ 20,00. Seu Rolf então me disse que o preço estava bom e que era para pagar logo antes que ele se arrependesse. Eu disse para o Waldemar que eu não estava indo para casa, mas que o Seu Rolf ia levar a planta para Niterói.

Depois o Dr. Veiga Soares me arranjou um emprego no Fausto Bebiano Martins, no Sítio Cova da Onça. Eu trabalhei lá um bocado, um ano e pouco, foi onde eu conheci Durvalina. Aí o Fausto importou um inglês, o Peter, que não sabia falar nada em português e passava o diabo com a gente (risos prolongados). Não posso dizer o que a gente dizia que era o nome de uma faca ou colher, era palavrão direto.

■ *Ele aprendeu português com vocês?*

O que não prestava a gente ensinava para ele... Era o maior sucesso quando ele ia ao restaurante. (A entrevista pára e todos riem por vários minutos.) Aí eu conheci Durvalina. Naquele tempo, namoro era brabo, sair sozinho, nem pensar. Daí, eu conheci, namorei e casei em 11 meses. Casei e vim trabalhar com o Joseph Himmer em Jacarepaguá. Fiquei um ano e três meses.

■ *Estamos falando em que ano agora?*

Deixa eu ver... Durvalina, quanto tempo nós temos de casado?

43 anos, responde Durvalina.

Depois começaram a roubar plantas lá, nas noites em que os cachorros ficavam mais quietos. Roubavam e deixavam os vasos arrumadinhos na nossa janela. Uma noite percebi um carro passar, parar, voltar e nem ouvi a porta bater. Chamei Durvalina e disse para não acender luz, dar uns 15 minutos acender tudo e atçar os cachorros. Eu tinha uma Winchester 44. "Vou pegar o safado, é hoje." Quando estava indo de árvore em árvore para cercar a saída do portão, eu escuto aqueles passos. Adivinha quem era? Durvalina!! Ah, o sangue subiu, eu podia ter fuzilado ela... Dei uma bronca que espantou tudo e todos, o cara pulou o portão e se mandou. Dia seguinte eu disse para o Himmer que ia embora. Vim aqui para a fazenda e estou aqui até hoje. Primeiro fui sócio do meu pai, começamos comprando plantas e fizemos a estufa e estamos nisto até hoje. Desde 1958.



Exdra em seu sítio em Maricá

■ Ainda existe esta estufa?

É a primeira aqui. Com o tempo comecei a brigar com ele, 84 anos já não queria melhorar, até que um dia ele resolveu usar xaxim velho. Dividimos as plantas e fiquei sozinho. E daqui a gente foi devagar, trabalhava para um, para outro, um dia ganhei uns platicérios, vendi uns para o Zico da Florália, o dinheiro deu para comprar as telhas daquela estufa de 360m². Nós mesmo montamos. Nos sacrificamos muito por isto, eu podia continuar empregado, seria mais fácil, mas não dou para ser empregado. Também nunca briguei por direitos, resolvia sair, ia embora e pronto.

Agora, Durvalina sempre me ajudou muito. No começo ela só queria saber de hortaliças. Custei a fazer ela começar a trabalhar com orquídeas! Mas sempre foi meu pé-direito. Mulher o pessoal diz que a gente faz, não acha pronta. Durvalina trabalhava em horta, levantava às 5h da manhã e ia mexer com verdura. Depois que eu casei, fui modificando. Ela ainda queria fazer horta aqui, mas eu disse que era mais barato comprar pronta do que pagar empregado. Ela queria cuidar ela mesma, mas eu queria ela nas flores. Hoje em dia ela toca tudo. Sem ela eu não tinha feito isto aqui. Se eu casasse com pessoal daqui, eu estaria gramando até hoje. Durvalina é insubstituível, nenhum dos meus filhos chega nem perto. Ela cuida das plantas, semeia, faz repique, envasa e o Exdra molha as plantas, procura praga e vê televisão.

■ Você é um homem muito ocupado! (risos).

Muito ocupado, demais. Mas Durvalina é a razão de tudo aqui. (Chega o fornecedor de xaxim e a conversa vira para substrato.)

Você tem que ter um xaxim que absorva umidade, não gosto do peneirado, orquídea gosta de umidade. Adubação, por exemplo, você aduba e dá uns 4 - 5 dias de umidade. A planta absorve muito melhor. Antigamente não existia canela seca nos orquidários, nunca houve, o máximo que podia ter era uma podridão. Se molhava mais as plantas, tanto que os vasos tinham aquele limo verde, não aquela camada cinzenta que fica como coisa que está seca. Aquilo, quando dá, mata mesmo. Eu me lembro lá da Florália, a plantinha deste tamanho (sinaliza umas três polegadas) e o musgo ali no meio, uma beleza, ali está úmido. Usa-se adubo químico ali e tudo bem, a planta fica feliz.

■ Mas, conte como vocês fizeram no começo.

Eu e Durvalina fizemos tudo, as estufas e aprendemos a semear.

■ Quem te ensinou a semear?

Ah, já morreram. Foi o Doutor Tito Ribeiro e o Walter Müller. O doutor Tito sabia mais, e nos ensinou um meio com batata, abacaxi...

■ E a banana?

A banana foi depois. Hoje uso a banana prata que é muito melhor. Se for meio madura, é melhor ainda. O Doutor Francisco de Carvalho me disse que a banana entre o maduro e o de vez tem o hormônio do crescimento. Eu uso sublimado corrosivo para esterilizar as sementes.

■ Explique melhor.

É o cloreto de mercúrio (HgCl₂ - cloreto mercúrico). Uso um grama por litro de água destilada ou autoclavada. Você faz a solução e pode usar daqui a um ano que está tudo bem. Agora, é perigoso, tem de tomar cuidado, aquilo é brabo, não deixo a Durvalina botar a mão. Primeiro você decanta, para separar o

que presta do resto. Uso água limpinha, normalmente autoclavada. Põe em outro frasco menor as sementes boas e dá uma lavada no sublimado. Coloco outra vez na água, repito por 3 vezes e a Durvalina assume. Aí pego 1,5cm³ de água, puxo com uma seringa e lá vai para o frasco. Parece que tem um francês que está pesquisando o uso de esterilização mais fraca, mas não confio muito em francês, eles são meio esquisitos.

■ **Exdra, você falou que vender orquídeas era muito bom. Nestes mais de 40 anos que você viveu no meio, o que mudou?**

Muita coisa, muita coisa. Antigamente quando você fazia uma exposição como aquelas do Automóvel Club, exposição grande, ter uma planta premiada significava muito, todo mundo queria um corte, o dono tinha o prazer de dizer assim: "Minha planta foi premiada." E naquele tempo o mais humilde dos orquidófilos tinha prazer em levar sua planta, fosse uma *Cattleya forbesii* ou uma *Brassavola perrinii* para expor, e se ganhasse uma Menção Honrosa ficava todo orgulhoso. Todos davam mais valor à orquídea do que hoje em dia. É claro que tinha um grupo mais esnobe, rico, que olhava o orquidófilo sem dinheiro de cima, a menos que você tivesse uma planta que interessasse! Aí ele ia te conquistar, adular até conseguir uma muda e você voltava a ser ninguém, mas o domínio da orquídea era fantástico, o pessoal tinha aquela gana de tirar um prêmio. Hoje em dia não, ninguém liga.

Outra mudança muito grande na orquidofilia foi a clonagem das plantas, das flores especiais e das raras, que de certa forma banalizou as plantas que perderam seu valor em dinheiro. Não adianta pedir um valor muito alto porque ninguém dá.

■ **Quando a gente faz uma Exposição, a imprensa vai cobrir e a primeira pergunta é: Qual a mais cara e qual a mais rara? A gente responde que isto não existe, rara é a que está em falta. Nenhuma planta fica rara ou cara por muito tempo.**

Por isso existe tanta resistência dos purpureateiros do Sul em ceder plantas. O Manarini (fundador da Equilab e grande propagador de meristemas de plantas de qualidade) lá não entrou. Entrou em Santa Catarina, onde

o pessoal ganhou dinheiro vendendo planta que diziam ser uma maravilha e depois não valiam nada. Mas no Rio Grande do Sul eles não quiseram conversa.

■ **Tem a história da *Laelia purpurata* "Milionária", não tem meristema dela.**

Não tem não. Mas é uma planta nojenta de crescer! Mesmo corte é ruim de crescer. Aliás *purpurata* para nós cariocas não é uma planta boa de ter. Demora a crescer, dá flor no fim do ano, a flor dura 6 - 8 dias. Um híbrido pode ficar 25 - 30 dias florido.

■ **Você tem uma história de vírus, conta aí.**

Tem o tal do vírus martelado que causa uns buraquinhos na folha. O Roland (Brook Cooks) me disse que nos Estados Unidos não o consideram como vírus, uma vez que não estraga a flor. Qual é mesmo o nome técnico do vírus? Sei lá, quem quiser saber pergunte ao Roland. Esse negócio de vírus é uma loucura. Se lá eles não ligam...

■ **Mas, voltando à realidade presente do mercado, que você tem a dizer?**

Hoje você tem que produzir material de qualidade. Não pode ser qualquer coisa. Se você não produzir coisa diferente, você não vende. Por exemplo, as cores têm que ser modificadas. Hoje estou trabalhando mais para ter cores mais escuras. Há umas plantas como a *Lc. João Antonio Nicoli* e a *Lc. João Paulo Fontes* que são plantas matrizes espetaculares. A *Blc. Bryce Canyon "Splendiferous"* também é um troço, transmite um amarelo ocre dentro da flor e possui sementes com mais de 80% de fertilidade. Eu



Foto: José Luiz Bartolo

Slc. Mae Hawkins "Newbery"

andei fazendo umas plantas fantásticas. Mas, quando você faz um tipo, não vai poder repetir, tem que pegar outros. Orquídea é uma coisa que precisa sempre ficar procurando, procurando até achar flores para cruzar com suas matrizes, não pode ficar usando só o que você tem. Tem orquidário em São Paulo que bota aquilo no catálogo e não sai daquilo mesmo, entra ano e sai ano. Não vende!

Eu vendo para o Binot, Quinta do Lago, para a Bahia, o Roland também compra. Cobro R\$ 10,00 a planta com flor e R\$ 5,00 a planta a florir em 1-2 anos. Quando compram R\$ 100,00, eu dou 2 plantas de presente, para não dizerem que sou miserável. Tem orquidófilo que diz isto.

■ Gostaria de fazer uma pergunta. Já ouvi muito de donos de orquidários comerciais, não vou dizer quem, porém de mais de um, que o cara mais chato do mundo é o orquidófilo. O que você acha disto? Você também detesta quando chega um monte de orquidófilos? Como um me disse, se chegarem dez orquidófilos eles vão ficar 1h na frente da bancada, escolher as melhores plantas e ainda querem desconto.

Isso daí tem gente que faz. Não sou contra, eles vão procurar o melhor, óbvio! Nós temos que entender o comprador. Quando eu chego em um orquidário, quero uma planta, e o preço não dá para mim, eu saio fora e penso. O dia que der eu compro uma. Mas todo mundo quer comprar o melhor. Eu gosto de orquídea, logo entendo os orquidófilos.

■ Mas Exdra, além de Cattleya, o que mexe com você, o que mais o emociona?

As flores estranhas, o diferente. Tinha umas plantas que eu só conhecia de fotografia, que são sensacionais. Gosto mais ou menos de *Angraecum*, *Aerangis* é bonito, e têm os *Bulbophyllum* que são uma graça. Gosto muito de *Cirropetalum*.

■ Exdra, e aquela história de fecundação e sexo, conta aí que papo é este.

Isto foi o Orlando Saraiva quem me ensinou. Ele dizia que para fecundar uma orquídea você tem que estar com o corpo limpo, porque orquídea é um ser muito puro. Se você tiver tido relações sexuais, o cruzamento

não vai. Eu não liguei, mas passei a notar que a desgraça da cápsula caía com 15 - 20 dias, às vezes até em 2 dias. Aí passei a acreditar, orquídea não gosta de libidinagem.

■ Com o passar do tempo você aumentou muito o índice de sucesso, o sacrifício ficou menor (risos). Vamos voltar ao sério, houve um tempo em que todo mundo catava plantas no mato, boa parte do mercado era suprida por plantas coletadas. Como ficou isto?

Ficou difícil. Mas não sei se protegeu mais as plantas nativas. Mateiro de verdade só retira parte da planta, preserva o habitat, ele precisa que existam plantas no ano que vem, ele vive delas. Agora o cara que usa a terra não está nem aí para as orquídeas ou o que tenha lá. Derruba e pronto. Tem uma história que se pode publicar. Em março de 1996 havia uma derrubada em Rio Bonito, em Boa Esperança. Eu vi, fui e conversei com o IBAMA, pedi liberação para catar as plantas que estavam nas árvores derrubadas. O que tinha de *Cattleya harrisoniae*, *Oncidium altissimum* e *Zygostates lunata* não era brincadeira. Fui lá e eles me mandaram conversar com o dono da derrubada, ver o protocolo dele, verificar quem autorizou - IBAMA ou Polícia Florestal -, ir ao cartório registrar a firma dos dois e depois voltar com os documentos para serem liberados. Entreguei tudo, eles informaram que em 15 dias sairia o resultado. Recebi a liberação em setembro de 1998! É interessante. Dizem que melhorou.

■ É curioso, ninguém pode tirar a planta da árvore, mas pode derrubar a árvore.

E pode queimar tudo, árvore e orquídea juntos! Queimar pode, tirar não. Isso o cara do IBAMA disse para mim. Se pegar alguém catando plantas em reservas, em parques, tem mais é que engrossar, mas na mata abatida? Isto tem que mudar. As perdas são enormes.

■ Quais suas palavras finais, o que você tem a dizer para os orquidófilos?

Eu quero desejar tudo de bom para a Orquidário, que salvou o que sobrou da SBO e tem feito muito pela orquidofilia no Brasil. Espero que as diretorias que sucedam esta mantenham a visão e o trabalho que hoje vemos. ▼